

UM CONTO DE FADAS SOBRE AMOR ENTRE IGUAIS NA SALA DE AULA

Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes

Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal Rural de Pernambuco; eduardo-af-@hotmail.com.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra infanto-juvenil *A princesa e a costureira* (2015), de Janaína Leslão e ilustrações de Júnior Caraméz, bem como apresentar uma proposta didática para discussão da referida obra em sala de aula. *A princesa e a costureira* (2015) é uma narrativa semelhante quanto à estrutura aos contos de fadas tradicionais para crianças, no entanto, ao invés de um desfecho patriarcal e heteronormativo como normalmente se lê nos contos de fadas, esta nos apresenta uma estória de amor homoafetivo entre a protagonista, a princesa Cíntia, e Ishar, costureira do povoado. Analisa-se a obra com base na discussão de Coelho (1987) quanto à aproximação com os contos de fadas. Parte-se de discussões que envolvem estudos de gênero, diversidade sexual e ensino de literatura, como Facco (2009), Cosson (2006), Zilberman (2009), para propor sugestões de trabalho com a narrativa que formula em seu enredo uma sensibilização quanto ao preconceito contra o amor entre iguais.

Palavras-chave: conto de fadas, homoafetividade, ensino.

Introdução

Desde a década de 1990, têm sido produzidas e publicadas no Brasil narrativas infantis e juvenis¹ que abordam, seja de maneira direta ou de forma implícita, a homoafetividade, a diversidade sexual e problematizam esse aspecto da subjetividade humana, problematizando a dificuldade de aceitação dos comportamentos concebidos como “diferentes” do padrão hegemônico.

Nesse âmbito, estudos sobre essas narrativas também foram realizados, a saber, Fernandes & Pinto (2008), Fernandes (2008), Fernandes (2008), Pinto (2008), Facco (2009), Fernandes (2010), Costa (2011) e Pinto (2012) e essas considerações fomentaram o debate sobre a inserção dessas narrativas em currículos escolares e situações de ensino com crianças e adolescentes, possibilitando o diálogo com esses temas ainda considerados tabus em nossa sociedade.

Uma grande polêmica instaurada entre os professores tem sido justamente pensar como transpor o tema da homoafetividade e da tolerância para o debate em sala de aula, como relatou Facco (2009) em entrevista com docentes questionados sobre a preparação para lidar com esse tema e se já haviam encontrado alguma resistência ao levá-lo para sala de aula:

¹ Referimo-nos às obras: *É proibido miar*, de Pedro Bandeira; *O gato que gostava de cenoura*, de Rubem Alves; *O menino que brincava de ser*, *Tudo por você*, de Georgina da Costa Martins; *Menino ama menino*, de Marilene Godinho; *Olivia tem dois papais*, de Márcia Leite; *Meus dois pais*, Walcyr Carrasco, *O amor não escolhe sexo*, de Giselda Laporta Nicolelis, *Cartas Marcadas*, de Antonio Gil Neto.



“Não me sinto preparada para lidar com a questão da orientação sexual na escola e não sei qual seria a reação dos pais a respeito disso” – professora da instituição federal de ensino fundamental e médio da região Sudeste; “A única resistência que já encontrei foi por parte dos próprios alunos que em diversos momentos escamotearam a discussão” – professora de instituição estadual de ensino fundamental e médio da região Sudeste. (FACCO, 2009, p. 110-111)

Em geral, esses posicionamentos são bastante semelhantes entre os profissionais da educação: insegurança em lidar com o assunto, medo de represália das famílias dos alunos, medo de enfrentar diretores de posturas conservadoras ou mesmo, medo até de sofrer preconceito por “levantar bandeira” em prol das minorias. Com efeito, são muitos entraves sociais, burocráticos até que o docente prepare uma aula, sequência didática que envolva temas como orientação sexual, identidade e papéis de gênero.

Nesse sentido, as narrativas para crianças com o tema da diversidade sexual ajudam na composição do “como fazer”, mas precisamos ressaltar que o texto literário, na perspectiva que adotamos aqui, não serve de mero pretexto para discutir a homoafetividade, todavia, como esta é uma nuance central das obras, é inevitável que além da fruição, do estudo de personagens, da interpretação do texto e das ilustrações, se discuta esse aspecto sociocultural tão relevante.

E julgamos relevante não por uma questão pessoal, não apenas por “levantar uma bandeira”, como mencionamos anteriormente, porém, sobretudo por duas razões: a primeira, por incidir sob o *bullying*, problema que afeta quase todos os estabelecimentos de ensino e que está diretamente ligado à intolerância às diferenças, à violência contra o outro, à falta de respeito pela forma diferente de se comportar de acordo com os padrões de gênero; o *bullying* tornou-se, nos últimos anos, assunto de grande interesse da comunidade escolar, considerado um problema social, incidindo em problemas psíquico nos sujeitos afetados, evasão escolar ou, em casos extremos, verdadeiras tragédias com mortes, torturas e traumas.² A segunda razão diz respeito a outro problema social ligado à intolerância e à violência: a homofobia. Forjada na formação do indivíduo, a homofobia tem sido a culpada de muitas mortes³ e acreditamos que uma educação preocupada com valores humanísticos, voltada ao respeito pela diversidade proporcionaria um impacto nessa maneira de se lidar com o diferente.

Estamos embasados numa perspectiva de educação literária que preza pela pluralidade e pelo desenvolvimento de valores ligados à formação humana, não podemos deixar de mencionar a

² Cf. LIMA & SILVA, Pollyane. Um em cada cinco adolescentes pratica bullying no Brasil. [Artigo on-line]. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/um-em-cada-cinco-adolescentes-pratica-bullying-no-brasil>>; acessado em 22 de fevereiro de 2014.

³ Mortes causadas por assassinatos e suicídios, sobre isso Cf. Mott & Cerqueira (2001).

afirmação de Antonio Candido (1995, p. 180) de que: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Nesse sentido, podemos entender porque os textos literários podem ser tão eficazes para responder à pergunta apontada anteriormente sobre como transpor didaticamente textos literários com temas polêmicos para a sala de aula, talvez porque eles nos ajudem a mostrar ao aluno outras facetas da realidade antes tão engessadas e fechadas, tornando-os, como postula Candido (1995), mais compreensivos.

A leitura do texto literário é uma atividade que, como afirma Zilberman (2009, p. 22), “ocupa o primeiro plano, em detrimento de outras modalidades de percepção e representação da realidade, vindo a funcionar como porta de entrada de jovens ao universo do conhecimento”. Isso significa que a leitura do texto literário contribui de múltiplas formas para o acesso e o desenvolvimento do conhecimento por parte dos alunos, se pensarmos que a literatura tanto alimenta, na criança e no jovem, o aspecto da fantasia quanto as suas relações com os valores sociais que são representados nesse gênero literário.

As discussões que orbitam o universo do ensino de literatura infantil, basicamente, trazem como aporias as ideias do texto que é trabalhado tendo-se em vista seu aspecto estético (um valor burguês de arte/literatura) e ideológico (visão realista do texto). Evidenciam-se, dessa forma, as modalidades de leitura para crianças e jovens, procurando-se motivá-las, principalmente nas crianças, a perceber no texto o universo do encantamento, da magia, da brincadeira com a linguagem que se aproxima da fase animista em que as crianças de até seis anos se encontram. Esse modelo é o mais privilegiado pelos estudiosos da literatura.

Concordamos com esse modelo de abordagem do livro, desde que o aspecto realista ou ideológico não seja descartado da cena da sala de aula. Ora, trabalhar as linguagens e seus efeitos com o sujeito proporciona o alargamento não só de aspectos puramente cognitivos como também aponta para a inteligência emocional, sendo esta reforçada quando das discussões dos textos numa perspectiva realista-ideológica, porque pautada não só no ludismo do texto, mas na construção de visões de mundo que envolvem os sujeitos receptores e também (re)construtores do texto lido.

O grande desafio que enfrentamos diz respeito ao trabalho do professor com o texto literário cujo objetivo se centra na reflexão de ideias, a chamada literatura realista, de acordo com Zilberman (1983). Introduzir essa literatura, principalmente quando a temática a ser discutida gera polêmicas, consiste no desafio e no motivo deste artigo. Atentamos para o fato de que discutir aspectos



político-ideológicos, na linguagem da criança e do jovem, não descarta o encanto da leitura proporcionado pela imaginação do leitor-ouvinte.

Um texto que nos chama a atenção para essa “descoberta” da leitura político-ideológica do livro infanto-juvenil é o de Marisa Lajolo, estudiosa da literatura infantil que há quase três décadas publicou o artigo “O texto não é pretexto” (1982). Neste artigo, defende a tese de que a utilização do texto literário para fins que não proporcionem o gozo estético, o ludismo, a imaginação não deveria ser acatada ou, mais radicalmente, que deveria ser banida da prática docente. Os tempos mudam e com eles as concepções de infância e de outros valores que são redimensionados socialmente (e esses redimensionamentos culminam sempre na representação literária).

Em artigo mais recente, Lajolo (2009) (re)discute seu posicionamento no artigo “O texto não é pretexto. Será mesmo?”, momento em que desafia a sua visão imatura de décadas atrás e reavalia o papel da literatura infanto-juvenil nos dias de hoje, afirmando que não vê como “no trabalho escolar com leitura, passar ao largo da dimensão ideológica, afetiva, histórica, linguística e discursiva de um texto” (p.107). Dessa forma, entendemos, não queremos priorizar um dos modelos de abordagem da literatura infanto-juvenil em sala de aula, mas construir um modelo de leitura que seja iniciado com a motivação lúdica para chegar ao motor ideológico.

Pensando nessas considerações apontadas, relatamos a seguir uma experiência didática bem sucedida com a narrativa infantil *A princesa e a costureira* (2015), de Janaína Leslão e ilustrações de Júnior Caraméz, em que propomos possibilidades de trabalho em sala de aula com a obra de temática homoafetiva, a partir dos modelos de leitura que problematizamos, empregando os valores e princípios fomentados em nossa discussão e evidenciando o “como fazer”, tão mencionado nesta contextualização.

Um conto de fadas diferente na sala de aula

“Era uma vez uma princesa chamada Cíntia” (LESLÃO, 2015, p. 7) essa é a primeira frase da narrativa infantil *A princesa e a costureira*, que como muitas outras do gênero, além de iniciar com esta frase clichê traz em si vários elementos dos contos de fadas tradicionais, cuja estrutura, segundo Coelho (1987):

A efabulação básica do *conto de fadas* expressa os *obstáculos* ou *provas* que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo



encontro da *princesa*, que encarna o ideal a ser alcançado. (COELHO, 1987, p. 13, itálicos da autora).

Essa busca do herói, apontada pela autora, se refere à resolução do conflito vivenciado nas narrativas. Há sempre uma resolução de conflito a ser operada nos contos de fadas e os tradicionais têm reforçado o binarismo heteronormativo materializado na figura de uma personagem masculina que salva, resgata, faz justiça a uma princesa. Coelho (1987) ainda nos alerta que essa esquematização não corresponde a uma tradição:

Nos contos nórdicos e eslavos, encontramos com frequência a busca inversa: a princesa (ou plebéia) sai em busca do príncipe, vencendo terríveis provas, até que ela possa desencantá-lo e ambos se unirem para sempre. [...]. Compreende-se que esse esquema da busca feminina tenha desaparecido dos contos de fadas, assimilados pelo espírito cristão (como os que circulam entre nós, via Grimm, Perrault e Andersen), pois contraria a *idealização da mulher*, que está na base da civilização cristã. (COELHO, 1987, p. 14, itálicos da autora).

Com efeito, podemos dizer que *A princesa e a costureira* é um conto de fadas contemporâneo no qual lemos a estória de amor entre a princesa Cíntia e a costureira Istar. O enredo se resume basicamente nos seguintes fatos: Dois reinos vizinhos EntreRios e EntreLagos firmaram um acordo nupcial entre seus filhos, Cíntia era prometida de casar com o Príncipe Febo. A princesa e sua irmã Selene cresceram sempre a brincar em companhia do amigo Febo, chegada idade adulta os preparativos para o casamento se iniciaram, no entanto, Cíntia não sabia que sua fada madrinha a havia encantando a conhecer o seu verdadeiro amor quando a pessoa a tocasse nas costas.

Então, nos preparativos do casamento, Cíntia conhece Istar, costureira do povoado muito famosa pela habilidade com a agulha e tecidos. Ela herdara uma agulha mágica de um antigo viajante que presenteou sua família após ser ajudado por essa em um momento de grande dificuldade. Istar tinha um filho ainda bebê e era viúva, enquanto Cíntia tirava as medidas do seu futuro vestido de noiva, Selene passeava com o bebê.

Na sala onde estavam havia um grande espelho na parede e, diante dele, uma pequena banquetta onde as clientes subiam para tirar medidas e experimentar seus vestidos. E foi quando ajudava Cíntia a subir na banquetta que Istar tocou a mão nas costas da princesa: a profecia se cumpriu! Uma luz tomou conta de todo o ambiente. Um redemoinho de vento se formou na sala, girando Cíntia e Istar junto com as flores que ali estavam. As duas deram-se as mãos por medo e, passado o susto, continuaram assim, girando e sorrindo, desfrutando da magia daquele encontro. (LESLÃO, 2015, p. 17)



Apesar de sentirem-se bem em companhia uma da outra, ambas não imaginavam o que se passava, mas Cíntia estava bastante perturbada e saiu correndo em busca da irmã e lhe revelou que não queria se casar e que amava uma mulher, amava Istar: “E agora, seria jogada na rua por amar uma mulher? Seria condenada a um casamento forçado para cumprir o que era esperado pela tradição?” (p. 19)

Diante de tantas inquietações, Cíntia resolve contar aos pais sobre sua angústia e amor pela costureira ao que não é bem ouvida, desencadeando numa tragédia. O pai se revolta contra a filha mais velha manda-a prender na torre do castelo, na tentativa de ajudar a filha, a rainha atravessa-se contra os guardas e é ferida pela lança. Selene foge para o reino de Febo, EntreLagos, para contar-lhe o ocorrido e buscar ajuda. O tempo passou, mas Cíntia mantém a posição de não casar-se forçada e permaneceu presa, enquanto isso a rainha desfalecia, pois nenhum curandeiro conseguira fazer sarar o ferimento. O rei decretou que o homem que conseguisse curar a ferida da rainha, seria recompensado com a mão de sua primogênita. Istar todos os dias se dirigia ao castelo no intuito de costurar o ferimento aberto, mas era jogada na lama pelos guardas a mando do rei.

Com a ajuda de Febo, Cíntia convenceu o pai de deixar a plebeia costurar o ferimento a rainha e assim sua vida foi poupada. No entanto, o rei não cumpriu sua promessa, pois não aceitava que duas mulheres se casassem, isso gerou uma revolução popular contra a injustiça do rei que, mesmo após ter maltratado tanto Istar, foi defendido por ela e então libertou sua filha e casou-a com a costureira da agulha mágica e “assim, todos e todas foram muito, muito felizes!” (LESLÃO, 2015, p. 46).

A obra em questão possui um sutil apelo pela justiça e pelo direito ao amor. A linguagem, as ilustrações e as situações em que as personagens são envolvidas promovem em prováveis leitores e ouvintes a sensibilização e a humanização para com o outro, com o diferente, como aponta Candido (1995). No entanto, sabemos que só a leitura por si mesma pode não ser suficiente para explorar alguns aspectos que a obra enseja. Portanto, pensamos ações para uma proposta didática seguindo os pressupostos de escolarização da literatura a partir da ideia de sequência básica, segundo Cosson (2006). Para o estudioso, a sequência básica é uma forma de organizar o ensino de literatura nas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação, partes que exploraremos conforme relatarmos o passo-a-passo das atividades realizadas. O público-alvo dessa proposta foram crianças entre 8 e 9 anos, esquematizamos no quadro abaixo:



Sequência:

Motivação: Inicialmente, conversamos com os alunos sobre o tema princesas, cada um contou como era composta a sua percepção do que era uma princesa e deram exemplos. Levamos imagens de diversas princesas famosas nas animações para crianças e pedimos que as crianças as identificassem, tais como a Branca de Neve, Cinderela, Ariel. Nesse momento, percebemos que há um padrão na percepção das crianças quanto a esse tema; em geral elas associam princesas às personagens da Disney, à Barbie e outras figuras presentes no apelo comercial da mídia, essas princesas são sempre brancas e esperam por serem salvas por um personagem masculino. Perguntamos se elas gostariam de ouvir uma história de uma princesa diferente de todas que elas já haviam visto, ao que as respostas foram afirmativas e animadas.

Introdução: dessa conversa introdutória, apresentamos a capa do livro que leríamos, e falamos sobre a autora e o ilustrador. Perguntamos que aspectos diferentes eles notaram na capa, na princesa. Logo, as questões mais evidentes são colocadas por elas: o fato de a princesa ser negra e ter os cabelos crespos e estar acompanhada de outra personagem feminina, a costureira, identificada pela tesoura presa ao avental. Em nenhum momento, as crianças associaram a possibilidade de uma relação homoafetiva.

Leitura: Acomodados num tapete repleto de almofadas e em círculo, fizemos a leitura coletiva em voz alta e pausadamente, demonstrando as ilustrações e partes do texto. No momento em que o amor entre Cíntia e Istar foi revelado, todas as crianças ficaram surpresas, algumas em silêncio e outras sorriram, mas sem muita algazarra. Após o término da leitura, as crianças expressaram sua opinião e, mesmo após terem demonstrado certa surpresa, concordaram que o casamento entre a princesa e a costureira foi por amor e coragem de ambas.

Interpretação: Propomos exercícios escritos sobre a obra que possibilitassem tanto aferir se as crianças assimilaram o enredo contado, quanto as opiniões dela sobre a história da princesa que elas haviam lido. De uma maneira geral, a percepção delas foi bastante positiva e de aceitação.

Nosso relato demonstra a possibilidade de se levar uma obra literária infantil com a temática homoafetiva para a sala de aula, sem incorrer em entraves de ordem preconceituosa, mas justamente promovendo um novo olhar, uma nova possibilidade de ser, de entender o outro e de compreender a diversidade humana como forma de constituição do sujeito, da sociedade e das relações interpessoais. Como afirma Coelho (1987) em relação aos contos de fadas,



Agora para além do prazer do texto, que sua leitura oferece às crianças, essa redescoberta é feita pelos estudiosos que mergulham nos meandros do subtexto. [...] essa redescoberta se dá na área do simbólico – caminho aberto para o conhecimento das vivências humanas mais profundas, que o racional não consegue apreender e expressar. (COELHO, 1987, p. 84).

Acreditamos que esse conto de fadas moderno nos abre possibilidade de proporcionar uma redescoberta de outras formas de amar, outros modelos de princesas e reinos distantes onde o preconceito é vencido. Podemos demonstrar também que a leitura e discussão do texto infantil não precisa se pautar tão somente na esfera lúdica de sua leitura, porém ser artefato de debates que envolvem a posição do sujeito, as ideologias subjacentes em determinadas posturas e visões de mundo, bem como reavaliá-las e admitir que podemos ser e agir diferentes.

A assertiva de Lajolo (2009) de que o texto pode ser pretexto para discutir aquilo que está em seu âmbito ideológico, bem como a postulação de Zilberman (2009) de que a literatura permite a assimilação de outras realidades e, ainda mais a de Candido (1995), de que o texto literário humaniza seus leitores na medida em que os torna compreensivos a essas novas realidades, nos permitem reafirmar que o trabalho com a literatura em sala de aula tem importante função não formação do sujeito, não só como leitor, mas no desenvolvimento de muitos valores e princípios ligados à cidadania. Por essas razões teóricas, é que fundamentamos nossa prática e acreditamos que esse modelo de educação literária é necessária para tentarmos transformar a dura realidade de preconceito que ainda assombra a mentalidade brasileira.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: ática, 1987.

COSSON, Rildo José Mota. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

COSTA, Lúcia de Lourdes Monteiro. *Literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva: impasses entre a abordagem dos PCN e a representação ficcional*. 2011, 127 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande.

FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente*. A temática homossexual na educação literária infanto-juvenil. São Paulo: Summus Editora, 2009.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. Os sentidos da ilustração em narrativas de temática homoafetiva para crianças. In.: *Anais do II Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*. 21 a 23 de maio de 2008. Campina Grande: Bagagem, 2008. CD-ROM.

_____. Pais, filhos e homoafetividade: diálogo entre gerações em narrativas estrangeiras de temática homoafetiva para crianças. In.: *Anais do III Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*. Campina Grande: Bagagem, 2010. CD-ROM.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. A literatura infanto-juvenil de temática homoerótica e o currículo multiculturalista. In.: *Anais do II Encontro Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil e Ensino*. 21 a 23 de maio de 2008. Campina Grande: Bagagem, 2008. CD-ROM.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1982, p. 51-62.

_____. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo? In: ZILBERMAN, Regina & RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 99-112.

LESLÃO, Janaína. *A princesa e a costureira*. Ilustração Junior Caraméz. Rio de Janeiro: 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo. *CAUSA MORTIS: HOMOFOBIA - Violação dos Direitos Humanos e Assassinato de Homossexuais no Brasil, 2000*. Salvador: Editora do Grupo Gay da Bahia, 2001.

PINTO, Kyssia Rafaela Almeida. Aspectos da personagem gay na literatura para crianças. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. (Org.). *Aspectos da literatura gay*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 187-199.

_____. Configurações homoafetivas em romances juvenis brasileiros. 2012, 136 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina & RÖSING, Tânia M. K. (orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 17-40.

_____. *A literatura infantil na escola*. 3. ed. São Paulo: Global, 1983.